

Lúcia Helena. *Náufragos da esperança: a literatura na época da incerteza*. Pós-fácio de Maria da Glória Bordini. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012. 152 p.

Náufragos da Esperança, terceiro dos livros da autora a examinar questões ligadas à Modernidade e à atualidade, “tem por projeto viajar por uma determinada faixa da literatura, para pensar o trajeto não linear da série romanesca que se foi organizando como um paradigma baseado na repetição diferencial da metáfora do naufrágio”. É lavrado num estilo que deixa entrever cá e lá um convívio amoroso e demorado com nossos autores, a exemplo de Drummond e as pedras dos caminhos... Dividido em três capítulos, além da Introdução e do penetrante posfácio, o livro começa com o naufrágio ambigualmente bem sucedido de Robinson Crusoe (protagonista do conhecido livro de Defoe, 1719), e chega a naufrágios mais recentes como o das ilusões de Macabéa (protagonista de apreciado romance de Clarice Lispector), e a uma nova metáfora para a própria existência: não mais *viagem*, mas *naufrágio*.

Lúcia Helena, ao viajar do Iluminismo à pós-Modernidade, examina o modo pelo qual os seus autores constituíram as realidades dos romances que escreveram, explicita como essa metáfora do naufrágio se apresenta em cada um deles, desde Defoe até Coetzee e Roth, fazendo literatura comparada com argúcia e competência. *Náufragos* é lúcido, quase nos limites da possibilidade de o ser e evidencia a vivência e o profundo compromisso da Autora com seu objeto de estudo, de tal forma que o leitor percebe claramente a amálgama indestrutível que existe entre literatura, estudo da literatura e vida, para além dos pactos ficcionais. Isso mostra uma entrega comovente a este estudo que, afinal, acompanha o caminho que vai da euforia do ideal de homem burguês nos inícios do estado liberal – que o forja e alimenta – até o desamparo, a falta de rumo,

a melancolia e a morte dos descendentes desse burguês, com a vitória da fragmentação gestada no seio da globalização.

O livro abarca uma miríade de questões suscitadas pelos romances que analisa. Passa por Baudelaire e suas *Flores do Mal*; pela discussão da literatura como representação; vai desde o individualismo mais exacerbado até a invasão de privacidade para chegar ao fracasso da linguagem e ao fracasso da própria existência.

Como uma desbravadora, Lúcia examina as repercussões da Revolução Francesa e da Revolução Industrial no modo de pensar e sentir do homem europeu e de seus descendentes e agregados num processo que exigiu a desconstrução e nova construção de identidades. Para levar a cabo, de modo frutífero, tal exame, esclarece a autora, procura manter em presença forças conflitantes – como é o caso daquilo que se afirma e daquilo que está deixando de ser, privilegiando o emprego do conceito de *passagem* em detrimento do conceito de *ruptura* e multiplicando desse modo os demais instrumentos de análise de que dispõe.

Robinson Crusoe, de Defoe, é tomado como romance de fundação dos ideais burgueses, numa linhagem do antropocentrismo renascentista rebaixado pelo materialismo imediatista e contraditório do Iluminismo. Para falar desse romance e da novidade que ele trouxe à perspectiva clássica quanto às interrogações acerca do sentido da vida, a autora analisa não só tal personagem em seu livro e época, mas também a contribuição de pensadores que o precederam ou que o seguiram, como Blaise Pascal e Nietzsche, para acompanhar as transformações que a metáfora da vida como “estar embarcado” vai assumindo à medida que os imprevistos da viagem que é a vida vão sendo arrancados do sonho para o lodo.

É na articulação entre Literatura, Filosofia e História que a autora fundamenta as interrogações suscitadas por suas leituras e ancora as respostas que obtém como possibilidades significativas. No caminho que percorre, Lúcia aborda *Emílio*, de Rousseau. Este, admirador do personagem Robinson Crusoe, também dá as costas às experiências vividas no seio da civilização. Rousseau percebe uma ferida aberta em seu tempo, percebe a discordância entre palavras e atos, percebe a ruptura das relações recíprocas de confiança entre os homens e as interpreta como fruto da civilização e não como desgaste dessa civilização; interpreta como se fosse um absoluto, algo que, certamente, dizia respeito ao momento em que vivia. E, com seu Emílio, descendente do grande personagem de Defoe, o utilitarismo, que era ainda difuso e latente como num

presentimento, ganha um estatuto teórico de prestígio. Rousseau acaba, assim, propondo um retrocesso e colaborando para estilhaçar a civilização. Muito distante da abordagem de Rousseau é a de Lúcia, que toma Robinson Crusoe como o intrépido representante do “burguês” operoso e bem sucedido.

Maquiavel recomenda voltar a um momento alto de uma civilização decadente, quando se deseja dar-lhe nova vida. Não é para estranhar que, prosseguindo a vigorar o Romantismo, alguns séculos depois, um personagem de Coetzee, autor contemporâneo que parece ser o predileto de Lúcia, tenta sem sucesso voltar ao local de nascimento. Tal tentativa pode ilustrar uma insatisfação impotente diante do vazio a que chegaram as “vidas desperdiçadas” da novíssima exclusão: o peso da solidão impossibilita o encontro de algo que poderia nortear os passos a seguir.

A autora acompanha, com sucesso, cerca de 300 anos de uma história vista como conflito, que se purifica das podridões do passado, em que novas forças se afirmam e em que as crises sucessivas bem poderiam encarnar a “utopia” da revolução permanente. 268 anos separam Crusoe – personagem que já não sabe distinguir “uma fronteira entre a verdade vivida e a ficção que narra” – do romance *Robinson Crusoe*. Vítima de tal purificação, Crusoe é já um personagem cuja alma, falha de recolhimento, não reconhece a si mesma.

Lúcia fotografa o movimento do que está se transformando, e essa passagem toma corpo, por exemplo, na “forma híbrida de gênero” em que é escrito *Diário de um Ano Ruim*, também de Coetzee, em que a identidade dos personagens parece não mais passar pelo estado nacional e menos ainda pelo *amor* como era visto no Romantismo em seus princípios – e muito menos ainda pelo amor clássico. A própria autora chega a designar tal literatura como literatura do limite. Novos cânones são anunciados enquanto se trabalha para trazer a tradição adormecida para o mundo atual.

O pélagos que separa a concepção clássica da vida e a romântica, com seus desdobramentos, pode, também, ser avaliado com auxílio do romance *A Marca Humana*, de Philip Roth, que a autora analisa, quando o comparamos a *Crime e Castigo*, de Dostoiévsky: aqui, lembra José Carlos Barcellos, a mancha é condição humana universal – Raskolnikov está manchado do sangue do delito (das mulheres que mata) e do sangue da redenção (do amigo que morre em seus braços); em Roth é mancha de diferença e exclusão, chaga de uma contingência histórica imediata e intolerância radical para com as mazelas dessa realidade sufocante. Esse abismo começou a ser cavado quando a concepção de homem dei-

xou de lado o pertencimento a uma comunidade de carne, sangue e espírito. Cresceu até chegar a ver a solidão como condição distintiva do humano. O Romantismo, em que ainda estamos imersos, dificulta, se não impede, a discussão dos aspectos universais da condição humana.

Lúcia, depois de fazer um verdadeiro e consistente passeio à beira do abismo no exame da literatura que elegeu como objeto privilegiado de análise, conclui que a metáfora da passagem e a alegoria do naufrágio são índices da irrupção do pensamento trágico na ficção contemporânea.

Termino falando da perfeita aderência do título do livro a seu objeto: *náufragos da esperança* secular, imanentista, esperança forjada na Modernidade, que negou o transcendente de que se nutriam até então os europeus e seus descendentes espirituais; Modernidade que desdenhou a coesão da sociedade que a perspectiva transcendente propiciava, que expulsou do espaço público a discussão das questões da vida espiritual e que confiou a si própria, de crise em crise, a soluções políticas abruptas, enquanto olhava o céu das várias promessas utópicas que se foram sucedendo; náufragos que perambulam sem condições de encontrar um significado para a própria vida; náufragos que navegaram no mar de estados nacionais hoje severamente ameaçados, enteados do Iluminismo e do Romantismo: náufragos da esperança são náufragos do sentido num mundo sem mistérios.

O livro é muito rico e detalhista. O leitor interessado poderá encontrar nele tantos outros meandros. Não obstante os naufrágios, para Lúcia a esperança, que ela encontra, sempre nova, na cultuada literatura, continua a se oferecer aos homens. E se o liberalismo chegou a seu limite – e o estudo de Lúcia parece mostrá-lo com clareza –, chegou o momento de revê-lo para realizar a tarefa de todas as idades: distinguir o que continua válido daquilo que deve ser abandonado.

Opázia Chain Feres

Universidade Federal Fluminense